

Faro, 14 a 19 Setembro de 2004

Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica

actas do IV congresso
de arqueologia peninsular

Promontoria Monográfica 04

Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica

Actas do IV Congresso de
Arqueologia Peninsular

(Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004)

EDITORES CIENTÍFICOS

Nuno Ferreira Bicho

Hugo Veríssimo

COORDENADORES DE SESSÕES

José Manuel Rolão

Nuno Ferreira Bicho

Centro de Estudos de Património
Departamento de História, Arqueologia e Património
(Universidade do Algarve)

Prefácio

O terceiro volume das actas do **IV Congresso de Arqueologia Peninsular**, com o título **Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica**, reúne dois conjuntos principais de comunicações apresentadas em Setembro de 2004 no Congresso realizado na Universidade do Algarve.

No início do volume estão reunidas a maior parte das contribuições apresentadas no simpósio coordenado por José Rolão, professor da Universidade Autónoma de Lisboa, que teve a designação *O complexo mesolítico de Muge: passado, presente e futuro* e que contou com a presença de David Lubell como *discussant*. O histórico complexo de Muge, conhecido desde o século XIX, vê agora um novo desenvolvimento com a publicação de cinco artigos que focam, para além de aspectos museológicos e de preservação, principalmente três dos sítios mesolíticos do antigo estuário do Tejo: Moita do Sebastião, Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira. A grande parte destes artigos resulta de um investimento científico dirigido por Rolão na última década, e que indicia a presença de novos dados recolhidos, agora segundo um critério diferente das escavações históricas realizadas até aos anos sessenta do século passado. No âmbito desse esforço, deu-se ainda uma acção da valorização dos sítios arqueológicos para a visita de públicos variados (descrita no artigo de Rolão *et al.*), nomeadamente através da construção de um centro de interpretação local, aspecto que não só é inédito para a região, mas também em Portugal para aquele tipo de sítios (concheiros mesolíticos).

Os novos dados são apresentados em quatro artigos diferentes. O primeiro, de Mary Jackes, reconstrói o historial arqueológico do concheiro de Moita do Sebastião, trazendo novos dados recolhidos pela autora na década de 80. O artigo de Rolão *et al.* traz-nos informação recolhida durante os trabalhos recentes e que focam, na senda da publicação de Jackes e Alvim, a disposição e organização do espaço no concheiro do Cabeço da Amoreira. Mirjana Rokсандić traz-nos novos elementos relativos à análise dos restos humanos e respectivos contextos, exumados recentemente nesse mesmo sítio arqueológico, bem como dados obtidos no Cabeço da Arruda. Wollstonecroft *et al.* publicam os primeiros resultados antracológicos e carpológicos provindos de Muge, mais exactamente do concheiro do Cabeço da Amoreira.

O segundo conjunto de artigos, sob a égide *Do Epipaleolítico ao Calcolítico*, é formado por 22 artigos, inicialmente

apresentados como comunicação ou poster nas sessões gerais 3 (*Mesolítico e Neolítico Antigo*), 11 (*Neolítico e Calcolítico*), 21 (*Teoria e Metodologia Arqueológicas*), 22 (*Posters – Pré-história*) e 43 (*Posters – Proto-história*). Os artigos de Pereira, Fuertes Prieto e Neira Campos, Ramos *et al.* e de Vaquero *et al.* focam diversos sítios arqueológicos de cronologia Epi- e Mesolítica, varrendo a Península desde o extremo Sul, junto à baía de Algeciras (o caso do sítio do Embarcadero do Rio Palmones) ao extremo Norte da Península, quer a Este (Abric Gut, nas Capellades), quer a Oeste (Gruta de El Espertín na Cordilheira Cantábrica em León), passando pelo Vale do Lapedo, perto de Leiria. Além da similitude cronológica, estes trabalhos apresentam também um interesse comum – a importância dos aspectos tecnológicos e tipológicos das indústrias líticas encontradas em cada um dos locais. Naturalmente, cada um destes trabalhos apresenta-se de forma diferente, sendo os temas e títulos muito diversificados – nuns casos o aspecto económico é preponderante, enquanto que noutros a informação não permite (ainda) tal desenvolvimento interpretativo.

Os trabalhos sobre Neolítico Antigo, ainda que talvez não de forma numericamente tão expressiva como no caso do III Congresso de Arqueologia Peninsular, realizado em Vila Real em 1999 e publicado em 2000 pela ADECAP, são muito interessantes. Dão-se a conhecer cerca de uma dezena de novos sítios deste período, espalhando-se geograficamente pela bacia interior do Tejo (Cerrillo Cuenca e González Cordero) e seu estuário (Muralha e Costa; Aldeias e Gaspar) e pela província de Málaga (o sítio de El Charcón, apresentado em dois artigos, respectivamente sobre as características gerais da ocupação humana – Fernández *et al.* – e sobre a cerâmica cardial – Jiménez Jaimez e Conejo Pedrosa). Talvez o artigo mais relevante deste volume sobre o Neolítico Antigo é o de Rojo-Guerra *et al.* sobre o sítio cardial de Zafrín, localizado nas Ilhas Chafarinas, no Norte de África. Este interesse advém do facto de possibilitar a modelação do avanço geográfico do grupo humano, detentor da tecnologia cerâmica e do estilo cardial, vindo do Mediterrâneo mas estanciando do outro lado do estreito, antes (?) de chegar à Península, ou talvez depois, atendendo ao resultado muito tardio das datações de Radiocarbono – 5,600 BP.

O desenvolvimento e implantação das sociedades agropastoris neolíticas e calcolíticas por toda a Península é retratado por um agregado extenso de artigos, que, curio-

El Abric Agut (Capellades, Barcelona) y el Mesolítico de muescas y denticulados en el noreste de la Península
Manuel VAQUERO, Ethei ALLUÉ, Susana ALONSO, James L. BISCHOFF, Francesc BURJACHS y Josep VALLVERDÚ
113

El yacimiento de Zafrín en las Islas Chafarinas (Norte de África, España): un nuevo asentamiento del Neolítico cardial
Manuel A. ROJO-GUERRA, Juan Antonio BELLVER GARRIDO, Antonio BRAVO NIETO,
Rafael GARRIDO-PENA, Iñigo GARCÍA-MARTÍNEZ DE LAGRÁN y Sonia GÁMEZ GÓMEZ
127

El Charcón, un yacimiento neolítico al aire libre con cerámica cardial en Alozaina (Málaga – España)
Juan FERNÁNDEZ, José E. MARQUEZ y Miguel J. CRESPO
135

La cerámica decorada del yacimiento neolítico de El Charcón (Alozaina, Málaga, España)
Victor J. JIMÉNEZ JAIMEZ y María Teresa CONEJO PEDROSA
145

A ocupação neolítica da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa)
João MURALHA e Cláudia COSTA
157

O sítio da Vala Real (Salvaterra de Magos, Santarém): contributo para o conhecimento do Neolítico antigo no Baixo Tejo
Vera ALDEIAS e Rita GASPAS
171

El Neolítico Antiguo en la cuenca media Tajo: estado actual de los conocimientos
Enrique CERRILLO CUENCA y Antonio GONZÁLEZ CORDERO
183

Primeros datos sobre el poblado neolítico del Prat de Cabanes (Cabanes, Castellón)
Pere M. GUILLEM CATALAYUD, Javier FERNÁNDEZ LOPEZ DE PABLO, Rafael MARTÍNEZ VALLE,
Ramiro PÉREZ MILIÁN y Guillem PÉREZ JORDÀ
197

Estratigrafía de Fundo do Vale do Lapedo (Leiria): considerações Geoarqueológicas sobre as Sondagens de 2003
Telmo PEREIRA e Francisco ALMEIDA
207

Historia de la investigación y estado de la cuestión del Neolítico en Castilla-La Mancha: una visión de conjunto
David RODRÍGUEZ GONZÁLEZ
217

La industria lítica de Casa Montero (Vicálvaro, Madrid): resultados preliminares
Nuria CASTAÑEDA CLEMENTE y Cristina CRIADO TORIJA
229

El yacimiento de Colata (Valencia, España) y los "poblados de silos" en la fachada mediterránea de la Península Ibérica
Magdalena GÓMEZ PUCHE y Agustín DIEZ CASTILLO
235

Moita do Ourives: um *habitat* do Neolítico médio no Baixo Tejo
Ana Filipa RODRIGUES
249

El yacimiento de Zafrín en las Islas Chafarinas (Norte de África, España): un nuevo asentamiento del Neolítico cardial

Manuel A. Rojo-Guerra*, Juan Antonio Bellver Garrido**,
Antonio Bravo Nieto**, Rafael Garrido-Pena***,
Iñigo García-Martínez de Lagrán***, Sonia Gámez Gómez**

* Departamento Prehistoria. Universidad de Valladolid

** Instituto de Cultura Mediterránea. Melilla

*** ARCADIA (Instituto de Promoción Cultural. Funge. Universidad de Valladolid)

RESUMEN

Se presentan los resultados de las tres campañas de excavación desarrolladas en un asentamiento descubierto en la Isla del Congreso (Islas Chafarinas, Norte de África, España), en el que se han podido excavar diversas estructuras de hábitat (hogares, silos, etc.), que han proporcionado una importante cantidad de materiales arqueológicos de gran interés como cerámicas cardiales, recipientes de cáscara de huevo de avestruz, una industria lítica muy especializada. Todo ello define un pequeño hábitat con agricultura y ganadería demostradas a través de análisis faunísticos y paleobotánicos, pero con un importante peso de la recolección de moluscos. Este yacimiento ha sido fechado por C14 a mediados del V milenio cal AC.

PALABRAS CLAVE

Norte de África; Islas Chafarinas; Neolítico; cerámica cardial; asentamiento; agricultura; ganadería

ABSTRACT

The results of three archaeological seasons carried out in a settlement discovered in the Congreso Island (Chafarinas Islands, North Africa, Spain) are presented, where different habitat structures (hearths, silos), which yielded an important amount of interesting archaeological materials, like cardial pottery, ostrich shell vessels and a highly specialized lithic industry, were located. It is a small habitat with agriculture and livestock rising as showed by the faunal and palaeobotanical analyses, but with an important role of shellfish gathering. This site has been 14C dated to the mid Vth millennium cal BC.

KEY WORDS

North Africa; Chafarinas Islands; Neolithic; cardial pottery; settlement; agriculture; livestock rising

INTRODUCCIÓN

El yacimiento arqueológico de Zafrín se encuentra en la Isla del Congreso, dentro del archipiélago de las Islas Chafarinas, frente a la costa de Marruecos oriental cerca de la desembocadura del río Muluya y de la frontera argelina. Es un conjunto de tres islas cuya superficie total emergida asciende a algo más de 50 has., y que de oeste a este se denominan: Congreso, Isabel II y Rey (Figura 1). De soberanía española, dependen administrativamente del Ministerio de Defensa y del Organismo Autónomo de Parques Nacionales. A estas instituciones y al Gobierno de la Ciudad Autónoma de Melilla debemos expresarles nuestro más sincero agradecimiento por su colaboración en el desarrollo de las diversas actividades llevadas a cabo en las Islas Chafarinas.

La isla del Congreso es la más extensa con 22,5 has., presenta perfiles escarpados y en ella se alcanza la altura mayor del archipiélago (137 msnm). Desde el punto de vista orogénico las islas son fruto de un vulcanismo de finales del Terciario. El yacimiento se encuentra en el brazo sur de la isla, en un sector donde la anchura de la superficie disponible es aproximadamente de 150 m (Bellver y Bravo, 2003b: 12) (Figura 1).

Actualmente el archipiélago se encuentra a unos 3,5 km de distancia de la costa del continente africano, pero las islas estuvieron unidas a tierra firme, y desde el punto de vista geomorfológico constituyeron el extremo norte de un antiguo cabo de mayor prolongación que el actual Cabo de Aguas, frente al cual se sitúan. La acción conjunta de la erosión marina y el ascenso de las aguas con la trasgresión

Flandriense, cuyo máximo tuvo lugar hacia el 6500 a.C., habría provocado la separación de este archipiélago del continente africano (Ibidem: 11).

El depósito sedimentario principal de los suelos de la isla del Congreso es el de ladera, hecho favorecido por el basculamiento generalizado de la superficie hacia el este (Figura 1). Estos suelos tienen escasa potencia, sobre todo en los extremos norte y sur. La combinación de estos suelos secos, la escasez de precipitaciones y la acusada pendiente en el área del yacimiento han favorecido los procesos erosivos de forma notable.

Estas circunstancias provocan que el nivel arqueológico existente en el yacimiento sea muy reducido, aflorando la roca en muchos puntos muy cerca de la superficie. Sin embargo en ciertos lugares la propia inclinación de la pendiente o la existencia de estructuras negativas han sido capaces de retener una mayor cantidad de sedimento, salvándolo de la acción erosiva. Este hecho unido a la excepcional circunstancia según la cual la isla no ha vuelto a estar habitada desde el Neolítico (Bellver y Bravo, 2003a), compensan estas circunstancias desfavorables, proporcionando unas condiciones únicas de conservación de las estructuras y los materiales arqueológicos en ellas documentados.

HALLAZGO Y PRIMERAS INVESTIGACIONES

Diversos autores (Pallary, Posac) recogen materiales arqueológicos (industria lítica de sílex, molinos y cerámicas) en la isla del Congreso en la primera mitad del siglo XX. Pero no se trata más que de esporádicas y concretas prospecciones superficiales. Los trabajos no se desarrollan en el yacimiento de forma sistemática hasta el año 2000, con una prospección intensiva de la isla realizada por miembros del Instituto de Cultura Mediterránea de Melilla, gracias a la cual se pudo delimitar la extensión del yacimiento (unos 1200 m²) (Figura 1), y su cronología concreta, que se restringe claramente al horizonte de las cerámicas cardiales del Neolítico antiguo (Bellver y Bravo, 2002; 2003a, b y c).

En 2001 se desarrolló la primera campaña de excavación a cargo de miembros del Instituto de Cultura Mediterránea (ICM), en la que se abrió un área de 4 x 4 m, y se recuperaron una gran cantidad de materiales arqueológicos de gran calidad e interés. Aunque se trató de realizar otra campaña en el año 2002 ésta hubo de suspenderse por el incidente de la isla Perejil. Finalmente en 2003 se desarrolló la 2.ª campaña, en la que se amplió la superficie de excavación, documentándose interesantes estructuras de hábitat (hogares, cubetas) y una gran cantidad de materiales arqueológicos, especialmente cerámicos y óseos (Bravo y Bellver, 2002: 14; 2003a).

LAS ÚLTIMAS INVESTIGACIONES: CAMPAÑA DE 2004

Desde la campaña de 2004 se ha iniciado un proyecto de colaboración entre el Instituto de Cultura Mediterránea de Melilla y el equipo de la Universidad de Valladolid que dirige uno de nosotros (M. A. Rojo Guerra). Uno de los objetivos prioritarios de esta campaña de excavación era la localización y excavación en área de las estructuras de hábitat de este excepcional asentamiento neolítico. Por ello, se decidió abrir una cata amplia, de 5 x 5 m, para la excavación en área, 1 m al sur de la zona excavada en pasadas campañas, que posteriormente, y como consecuencia de la extensión de las estructuras pendiente abajo, hacia el Este, se amplió hasta completar un área de excavación total de 9 x 5 m (Figura 2: N.º 7).

Como consecuencia de esta intervención se pudieron identificar distintas estructuras: una pequeña cubeta-basurero, dos hogares, una compleja estructura de combustión y una cabaña completa con hogar central (Figura 7).

La pequeña cubeta circular estaba excavada en la roca, tenía 1 m de diámetro y sólo 35 cm de profundidad, y estaba rellena por un sedimento de color grisáceo y textura arenosa, con abundantes inclusiones de conchas de caracoles y lapas, que podría interpretarse como un basurero, posiblemente relacionado con la cabaña que se describe más abajo (Figura 2: N.º 4 y N.º 7-4).

Los dos hogares se sitúan en la periferia de la cabaña, contienen escasos materiales arqueológicos y se definen con un círculo de piedras de pequeño tamaño que contienen sedimento de color gris y textura cenicienta con abundantes inclusiones de conchas de moluscos (Figura 2: N.º 1; N.º 2; y N.º 7-1 y 2).

En la periferia oriental de la cabaña que se describirá más abajo se documentó una compleja estructura formada por varias unidades estratigráficas, y que podría describirse como una acumulación de piedras de pequeño y mediano tamaño, de forma aproximadamente oval, asociadas con un sedimento de color gris con abundantes inclusiones de conchas de moluscos y materiales arqueológicos (Figura 2: N.º 6 y N.º 7-6).

La cabaña (Figura 2: N.º 7): se sitúa en la zona central de la cata, y se compone de un zócalo circular de unos 3 m de diámetro excavado en la roca, cuyas dimensiones eran ya claramente visibles en las unidades estratigráficas suprayacentes, en forma de una mancha circular de color grisáceo. Además, la distribución del material arqueológico recuperado ya en estas cotas superiores se concentraba claramente en torno a esta estructura.

En la zona suroriental de la cabaña al zócalo de la roca se le superpuso un murete de piedra, que contaba con un importante derrumbe hacia el exterior. Asimismo, era clara-

mente apreciable la entrada, orientada al Este, con unos 75 cm de anchura, y jalonada a ambos lados por piedras (Figura 2: N.º 7). En el interior de la cabaña se constató que la planta presentaba una clara inflexión que dividía el espacio interno en dos sectores claramente diferenciados, el más profundo muy probablemente relacionada con actividades culinarias vinculadas con el procesamiento de los caracoles y lapas, y quizás con el almacenaje también, a juzgar por la pequeña "despensa" excavada en la roca que se documentó en la zona central de la pared Oeste de la cabaña. En el interior de esta posible "despensa" se recuperó un hacha pulimentada completa de ofita en magnífico estado de conservación (Figura 2: N.º 5 y N.º 7).

El sector exterior de la cabaña se organizaba en torno al hogar en cuyas proximidades se recuperaron varios molinos y manos de molino de piedra pulimentada, uno de ellos junto a él y en su posición funcional, por lo que muy probablemente se descubrió *in situ*. Incluso dos de las piedras que formaban el hogar central de la cabaña eran molinos reaprovechados (Figura 2: N.º 7). Es muy probable, por ello, que este sector exterior de la casa, mucho mejor iluminado y aireado, fuese el lugar donde se llevasen a cabo las labores de molienda del cereal. Los análisis que se realizarán de las distintas muestras que se recogieron en todas las UUEE de la cabaña (polen, micromorfología, flotación del sedimento, fitolitos en los molinos de piedra, etc.) ayudarán a confirmar esta hipótesis. En este mismo sector de la cabaña se registró otra UE diferenciada (1017), en la que se recogió una mano de molino completa y abundantes restos de malacofauna (grandes lapas sobre todo) y de vértebras de peces.

Por otro lado, cuando se alcanzó la roca en toda la cabaña se pudo comprobar la existencia de algunas oquedades aproximadamente rectangulares, que hemos interpretado como las zapatas donde irían encajados postes de madera que formarían parte de la sustentación de la cabaña. Se trata de tres oquedades dispuestas en la parte posterior de la cabaña, por dentro de su perímetro, dos al sur y otro al norte, que se dispone junto a un claro agujero de poste excavado en la roca (Figura 2: N.º 5 y N.º 7).

Resulta complicado intentar reconstruir el tipo de estructura de hábitat que conformarían todas estas características identificadas durante la excavación, a falta de un análisis reposado de todas las evidencias, pero sí se puede esbozar al menos una interpretación previa que habrá de contrastarse con los estudios ulteriores.

Desde nuestro punto de vista más que una cabaña circular, como parecía mostrar inicialmente la planta identificada, podría tratarse de una estructura sólo parcialmente techada, en la parte posterior, donde podrían arrancar los postes que sustentarían una techumbre vegetal a un agua que caería, siguiendo la inclinación de la pendiente, sobre el murete exterior, que serviría también de protección del ho-

gar contra los vientos. Se trataría por tanto de lo que se conoce comúnmente como una tenada, vivienda elemental perfectamente acorde con el clima local, que no requiere grandes abrigos, y con el tipo de asentamiento estacional característico de estas primeras poblaciones del Neolítico Antiguo del Mediterráneo occidental (Rojo y otros, 2005).

LOS MATERIALES ARQUEOLÓGICOS

Todos los materiales arqueológicos recuperados en las distintas prospecciones y excavaciones desarrollados en el yacimiento se encuadran dentro de un mismo horizonte cronológico, el Neolítico Antiguo cardial, eso sí en fechas algo tardías, a juzgar por las dataciones radiocarbónicas más antiguas que se tienen del yacimiento (KIA-17373. 5600 ± 30 bp, 4492-4356 cal BC, 2 sigma).

Entre las cerámicas destacan las formas simples como los cuencos hemisféricos (Figura 3: N.º 8), las ollas globulares (Figura 3: N.º 1, 2 y 3) y las vasijas ovoides de gran tamaño, a veces con cuellos verticales definiendo las típicas botellas (Figura 3: N.º 6), muchas veces con fondos cóncavos (Figura 3: N.º 9 y 10), aunque también existen vasos de paredes rectas (Figura 3: N.º 7) y algunos perfiles sinuosos. Son asimismo muy característicos los elementos de prehensión (mamelones – Figura 3: N.º 1 y 7 –, asas de cinta). Las decoraciones son realizadas mayoritariamente en técnica cardial (Figura 3: N.º 1, 2, 3 y 8), aunque también existen impresiones a peine de púas muy gruesas (Figura 3: N.º 5) y unguilaciones o digitaciones (Figura 3: N.º 7). Las decoraciones a peine son frecuentemente documentadas en asociación con las cardiales en yacimientos neolíticos del Norte de África (Tarradell, 1957-58: 150; Mikdad y Eiwanger, 2000: 143; Aumassip, 1971: 139).

Las decoraciones cardiales se organizan básicamente en los característicos esquemas de espigas o zig-zags simples u organizadas en hileras horizontales y paralelas a lo largo de la superficie externa de los recipientes (Figura 3: N.º 1, 2, 3, 5 y 8). Son muy frecuentes las impresiones cardiales "en terciopelo" o *veloutée* (Figura 3: N.º 4) (Koehler, 1931: 33; Souville, 1972: 62), a veces confundidas con decoraciones peinadas en ámbitos peninsulares (Martí y Juan-Caballero, 1987: 49, fig. 22).

Se realizan arrastrando el dorso de una concha estriada por la superficie interna y externa de las cerámicas, creando un característico patrón lineal, a veces incluso reticulado. En ocasiones las líneas "en terciopelo" sólo se muestran en pequeños patrones aislados o muy toscamente ejecutados, indicando que probablemente se trataba más de un sistema de acabado de las superficies que de una técnica decorativa, al menos en esos casos. Pero en otras ocasiones se aprecian patrones regulares y organizados que demuestran que nos

hallamos ante motivos decorativos, a veces incluso combinados con los ejecutados en técnica cardial clásica, formando parte de un mismo esquema, como, por ejemplo, alternando la orientación de los trazos oblicuos dentro de los diseños en espiga de un gran cuenco, en técnica cardial clásica en la parte superior y en terciopelo en la inferior (Figura 3: N.º 8).

Dentro del amplio conjunto de vasijas decoradas existen ostensibles diferencias de calidad, con ejemplares de cuidada ejecución (Figura 3: N.º 2) y otros muy toscos y descuidados. Por otro lado, el análisis de las impresiones cardiales sugiere que se empleaban diversos tipos de conchas para realizar las decoraciones y no sólo el característico *cardium edule*, circunstancia que ya ha sido señalada en otros yacimientos del Mediterráneo (Nonza, 2000). Algunas de las examinadas en piezas del Zafrín sugieren que se trata de lapas semejantes a las que se documentan en abundancia entre los sedimentos de las distintas estructuras arqueológicas.

En lo que se refiere a la industria lítica tallada destaca el predominio de los restos de talla sobre las piezas retocadas, que indican claramente que se trabajó en el yacimiento. Destaca también la importante presencia de perforadores, que no resultaría disparatado relacionar con la explotación de los moluscos, tan abundantes en el registro arqueológico del yacimiento. En algunos yacimientos relativamente próximos, como el Abrigo de Hassi Ouenzga, se ha documentado también la importante presencia de este tipo lítico (Mikdad y Eiwanger, 2000: 144). Menos frecuentes son los raspadores, así como los microlitos segmentos, también conocidos en algunos otros asentamientos neolíticos norteafricanos (Grebentart, 1969: 178; Camps, 1974: 264). El panorama se completa con algunas muescas, núcleos agotados, un cuchillo de dorso y fragmentos de laminillas. En cuanto a la industria pulimentada destaca el claro protagonismo de los molinos y manos de molino, con la excepcional presencia de un hacha pulimentada descubierta dentro de la cabaña. No en vano la industria lítica pulimentada es un componente habitual del registro arqueológico en los enclaves neolíticos del Norte de África (Aumassip, 1971: 140-142, 147, 149, 153, 156-157; Souville, 1972: 63, 65-66; 1973; Camps, 1974: 276; Bachir, 2000: 317).

Los restantes materiales recuperados son variados, pero destaca el predominio de los colgantes y elementos de adorno realizados sobre conchas de distinto tipo, aunque siempre de muy pequeño tamaño, entre ellas un ejemplar de tipo *Dentalium*, así como la presencia de fragmentos de cáscara de huevo de avestruz, ambos elementos también característicos del registro arqueológico neolítico en el Norte de África (Grebentart, 1969: 184; 1970: 50, 54; Aumassip, 1971: 138, 140-142, 146; Souville, 1972: 63; Camps, 1974: 264; Camps y Camps, 1972: 40, 44, 49-50; Gilman, 1974: 274-275; Mikdad y Eiwanger, 2000: 141, 144; Bachir, 2000: 336).

En suma, el yacimiento de Zafrín constituye un interesan-

te ejemplo del Neolítico norteafricano, en unas condiciones de conservación excepcionales, por hallarse en una isla que ha estado siempre deshabitada. Supone además un enclave más de la extensa nómina mediterránea de la cerámica cardial, situado en una zona relativamente periférica del núcleo de hallazgos cardiales tradicionalmente concentrados en el Occidente del litoral norteafricano (Camps, 1984; Gilman, 1974), algo que bien podría explicarse por factores externos a la realidad arqueológica del pasado, ante la ausencia de programas sistemáticos de prospección (Onrubia, 1988: 148), sólo muy recientemente desarrollados en sectores muy concretos de este ámbito (Mikdad y Eiwanger, 2000). Se trataría de un establecimiento estacional, especializado quizás en la recolección de moluscos, aspecto común a otros muchos yacimientos neolíticos norteafricanos que subraya la importancia de los recursos marinos costeros entre estas comunidades (Souville, 1958-59). Pero también se ha podido constatar mediante análisis faunísticos y paleobotánicos la presencia de animales domésticos y cereales cultivados, que indican el desarrollo de una economía productora plenamente asentada (Bellver y Bravo, 2003).

BIBLIOGRAFIA

- AUMASSIP, G.
1971. La poterie préhistorique d'Oranie d'après les documents déposés au Musée Demaeght a Oran. *Lybica*, 17-19: 137-162.
- BACHIR BACHA, A.
2000. Nouvelle contribution à la compréhension du Néolithique de l'Algérie orientale: le matériel archéologique de la grotte Capeletti, collection Thérèse Rivière. *L'Anthropologie*, 104: 301-340.
- BELLVER GARRIDO, J. A. & BRAVO NIETO, A.
2002. Descubierta un poblado neolítico del V milenio a.C. en las Islas Chafarinas. *Parques Nacionales, Separata de la Revista Ambiente*, Febrero 2002: 12-14.
2003a. *El yacimiento de Zafrín en las Islas Chafarinas, II Campaña*. Instituto de Cultura Mediterránea, Melilla.
2003b. Marco geográfico y geológico de las Islas Chafarinas. En: J. A. Bellver y A. Bravo (2003), *El yacimiento de Zafrín en las Islas Chafarinas, II Campaña*: 10-13. Instituto de Cultura Mediterránea, Melilla.
2003c. Una estación neolítica al aire libre en las Islas Chafarinas: El Zafrín. *Akros*, 2: 79-86.
- CAMPS, G.
1974. Le Néolithique méditerranéen. En: G. Camps (ed.), *Les Civilisations Préhistoriques de L'Afrique du Nord et du Sahara*: 262-280. Paris. Doin.
1984. Les relations entre l'Europe et l'Afrique du Nord pendant le Néolithique et le Chalcolithique. *Scripta Praehistorica (Francisco Jordá Oblata)*: 187-208. Salamanca.
- CAMPS, G. & CAMPS-FABRER, H.
1972. L'Epipaleolithique Recent et le passage au Neolithique dans le Nord de l'Afrique. *Fundamenta (Die Anfänge des Neolithikums von Orient bis Nordeuropa)*, 3: 19-59. Colonia.

- GILMAN, A.
1974. Neolithic of Northwest Africa. *Antiquity*, 48: 273-282.
- GREBENART, D.
1970. Problèmes du Néolithique près d'Ouled-Djellal et de Djelfa: Botma si-Mammar et Safiet bou Rhenan. *Lybica*, 18: 47-66.
- KOHLER, H.
1931. *Etudes de préhistoire marocaine. I. La grotte d'Achakar au Cap Spartel*. Coll. Marrochitana. Publ. Inst. Et. Religions. Evêché 1. Rabat.
- MARTI OLIVER, B. & JUAN CABANILLES, J.
1987. *El Neolític valencià. Els primers agricultors i ramaders*. Valencia. Server d'investigació prehistòrica. Diputació de València.
- MIKDAD, A. & EIWANGER, J.
2000. Recherches préhistoriques et protohistoriques dans le Rif oriental (Maroc). Rapport préliminaire. *Beitrag Zur Allgemeinem und Vergleichenden Archäologie*, 20: 109-167. Mainz.
- NONZA, A.
2000. Les techniques décoratives de la ceramique du Neolithique Ancien du site de Cala Giovanna Piano et de l'ilot de la Scola (Pianosa): travaux experimentaux. En: C. Tozzi y M. C. Weiss (eds.), *Il primo popolamento olocenico dell'area corso-toscana*: 167-243. Edizioni ETS.
- ONRUBIA PINTADO, J.
1988. Modalidades, implicaciones y significación de las relaciones prehistóricas ibero-magrebies. Problemas y perspectivas. *Actas del Congreso Internacional "El Estrecho de Gibraltar"*, Ceuta, 1987: 147-171.
- PALLARY, P. M.
1907. Recherches palethnologiques sur le litoral du Maroc en 1906. *L'Anthropologie*, 18: 301-314.
- POSAC MON, C.
1956. Prehistoria de las Islas Chafarinas. *Tamuda*, 4: 243-256.
- ROJO GUERRA, M.; BELLVER GARRIDO, J. A.; BRAVO NIETO, A.; GARRIDO PENA, R.; GARCÍA MARTÍNEZ DE LAGRÁN, I. & GÁMEZ GÓMEZ, S.
2005. El yacimiento neolítico de Zafrín en las Islas Chafarinas (Norte de África, España): avance de los resultados de la campaña de excavación 2004. *Akros, La Revista del Museo*, 4: 101-106.
- SOUVILLE, G.
1958-59. La pêche et la vie maritime au Néolithique en Afrique du Nord. *Bulletin d'Archeologie Marocaine*, III: 315-344.
1972. La céramique cardiale dans le nord de L'Afrique. *Fundamenta*, 3: 60-71.
1973. Sur quelques outils en pierre polie du Neolithique marocain. En: AA. VV., *Estudios dedicados al Prof. Dr. Luis Pericot*: 199-207. Barcelona.
- TARRADELL, M.
1957-1958. Caf That el Gar, cueva neolítica en la región de Tetuán (Marruecos). *Ampurias*, 19-20: 137-166.

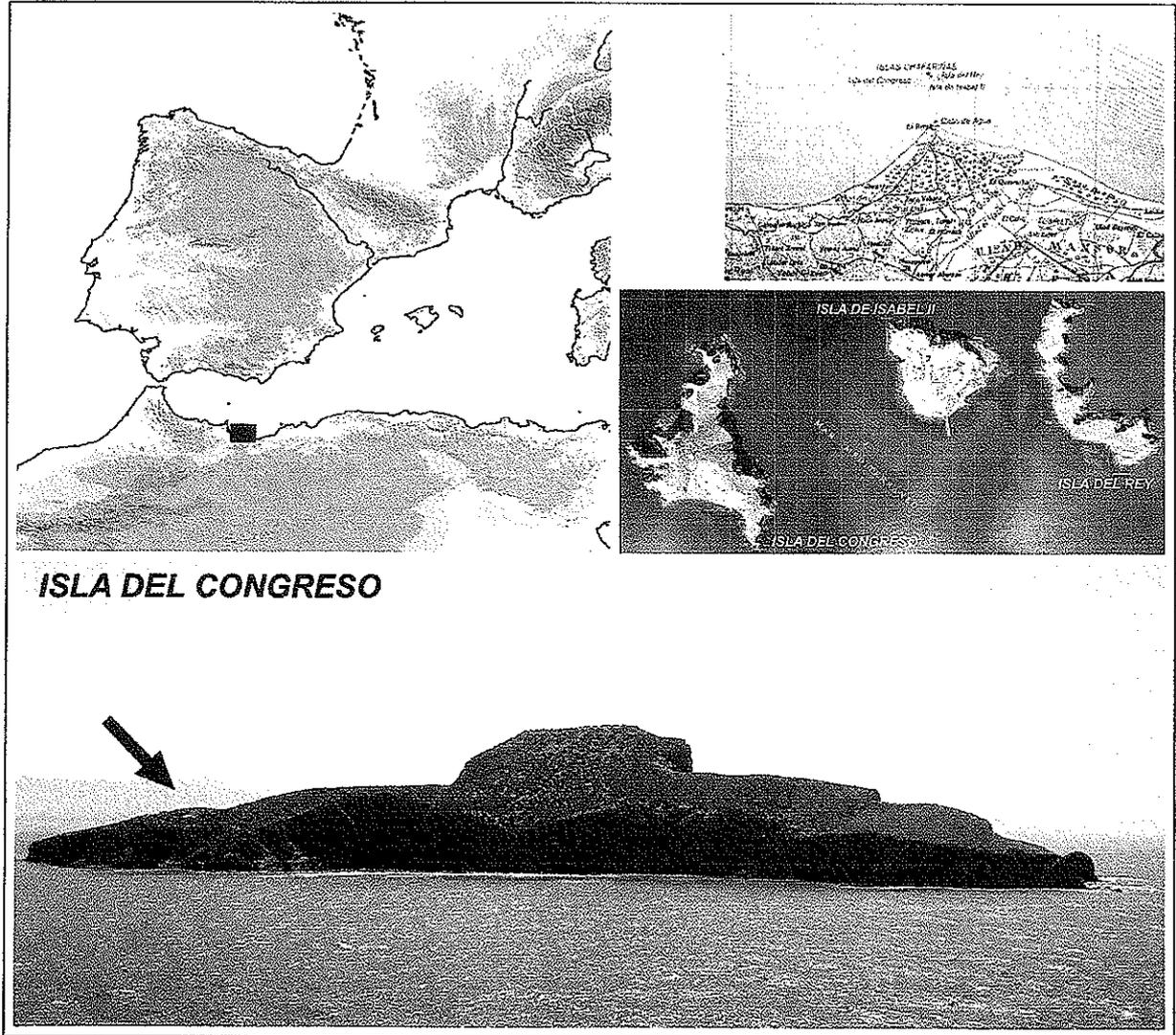


FIGURA 1. Situación de las Islas Chafarinas (Norte de África, España).

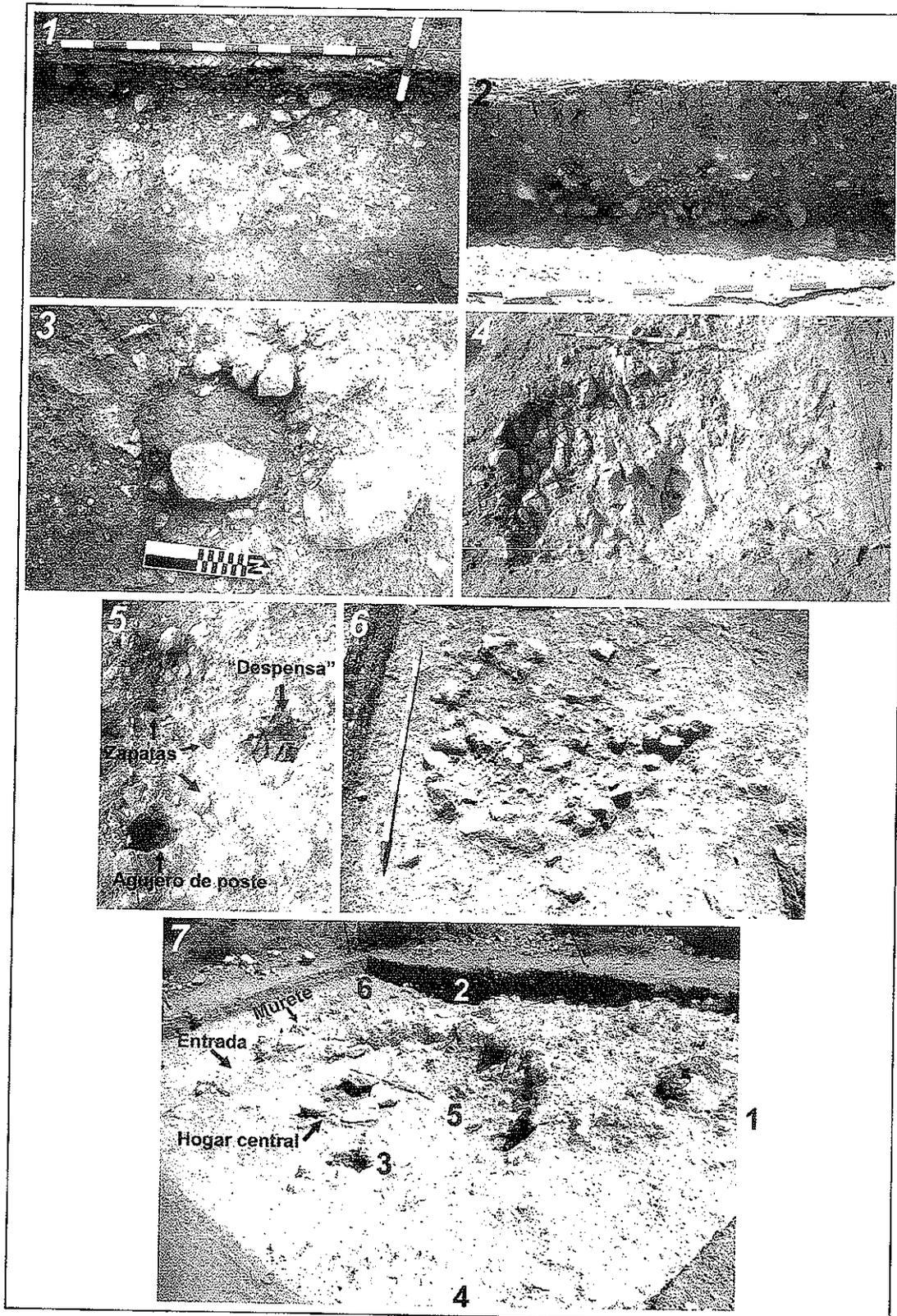


FIGURA 2. Estructuras documentadas en la campaña de 2004: N.º 1 – Hogar 1; N.º 2 – Hogar 2; N.º 3 – Hoyo de poste; N.º 4 – Cubeta, N.º 5 – Zapatas, agujero de poste y posible “despensa” excavadas en la roca; N.º 6 – Estructura de combustión; N.º 7 – Cabaña excavada en la roca con hogar central.

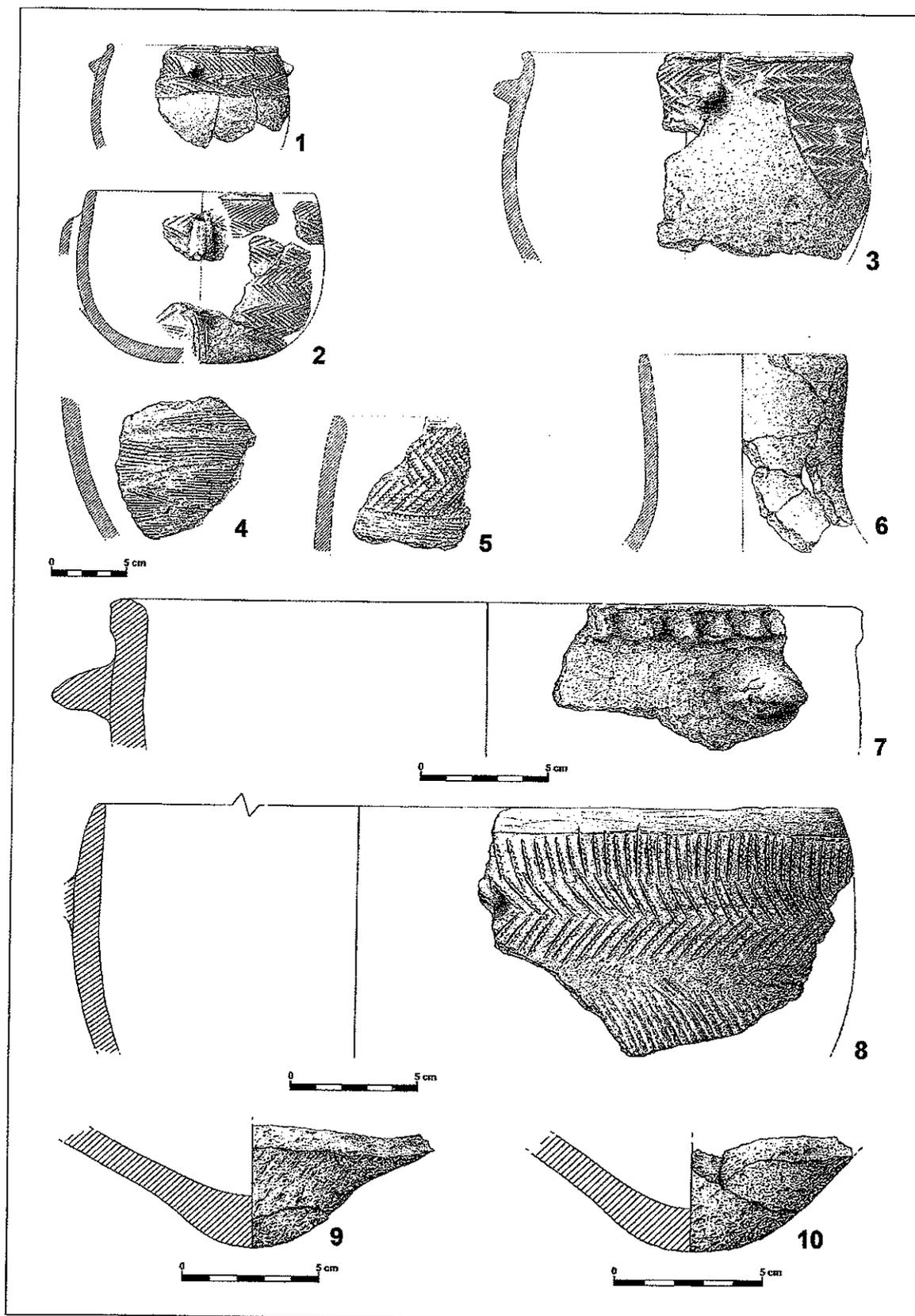


FIGURA 3. Selección de materiales cerámicos recuperados en las distintas excavaciones realizadas en el yacimiento de Zafrán.